

Sete teses sobre a direita pós-trumpista e o papel do DSA na luta

Como a força mais ampla e organizada da esquerda americana, os Socialistas Democráticos da América (DSA) são chamados a desempenhar um papel crucial na definição de como a esquerda mais ampla interpreta e responde ao assalto ao Capitólio em Washington. Como socialistas, nos opomos a tudo o que aconteceu naquela cidade em 6 de janeiro porque foi uma tentativa dos extremistas racistas e de extrema-direita de popularizar seu movimento, não porque sejamos contra a ocupação do Congresso por princípio.

No momento, muitas declarações foram feitas por vários grupos em relação aos eventos que aconteceram naquele dia no Capitólio dos EUA. É desnecessário dizer que o DSA Santa Cruz se opõe radicalmente aos manifestantes de extrema direita que penetraram no Congresso. Os sentimentos despertados pela visão de supremacistas brancos armados invadindo o Capitólio com quase impunidade não devem ser minimizados. Aqueles de nós que emitiram esta declaração também estão indignados e aterrorizados com este evento.

Como as condenações proliferam, acreditamos que também é necessário intervir em algumas das formas como este evento já está sendo contextualizado e narrado, tanto na mídia popular como por muitos da esquerda americana, incluindo nossa própria organização. Avançamos abaixo de sete teses para o debate no Comitê Executivo da DSA, um agrupamento de Santa Cruz.

Teses:

1. isto não é um golpe de Estado. É importante que sejamos precisos com nossas categorias e reconheçamos os perigos muito reais de tomar o Capitólio pelo que ele realmente

é, não recorrendo a analogias ou fantasias doentivamente hollywoodianas. A descrição do golpe de Estado – a tomada antidemocrática do poder, geralmente por elementos ou facções dentro do próprio Estado – não descreve particularmente bem os eventos de 6 de janeiro. O que aconteceu naquela semana não foi uma tentativa de assumir a maquinaria do estado e fazê-la funcionar; foi um espetáculo caótico, mortífero e midiático.

Sendo realistas, o perigo não é que a ocupação do Capitólio mantenha o Trump no cargo ou impeça a transferência de poder. Pelo contrário, o perigo real da ação do dia 6 de janeiro é que ela irá incentivar e inspirar indivíduos e grupos a cometer novos atos de violência, contra a esquerda, contra pessoas de cor, contra trabalhadoras, contra imigrantes, contra o Antifa e o Black Lives Matter (BLM), contra todos nós. A ação de 6 de janeiro não ajudou exatamente o Partido Republicano ou a administração Trump a permanecer no poder a curto prazo, mas impulsionará o recrutamento de grupos como os Proud Boys. Temos que nos organizar contra isso.

2. Como socialistas, nos opomos a tudo o que aconteceu naquela cidade em 6 de janeiro porque foi uma tentativa dos extremistas racistas e de direita de popularizar seu movimento, não porque sejamos contra a ocupação do Congresso por princípio. Qualquer condenação da ação de 6 de janeiro deve se concentrar na posição política dos atores envolvidos, e não na falta de respeito pelas “santas instituições americanas”, como muitos comentaristas da CNN lamentaram. Como socialistas, estamos empenhados em defender as formas limitadas de democracia que existem no país, por mais ocas e enfraquecidas que sejam. Mas nós não fetichizamos estas instituições. Políticas que visam construir formas mais robustas e genuínas de democracia exigirão a transformação, e em alguns casos a abolição total, dessas mesmas instituições. Não facilitamos este projeto

concentrando-nos mais nas táticas do que nas políticas das ações do dia 6 de janeiro.

3. Devemos resistir à condenação dos eventos de 6 de janeiro com base no fato de que “lei e ordem” foi violada, um termo usado tanto por Trump quanto por Biden. Como socialistas, estamos comprometidos com a defesa da democracia, mas reconhecemos que a lei e a ordem é uma expressão que, mais cedo ou mais tarde, será usada contra nós. Devemos também nos opor ao uso de palavras como traição, sedição ou patriotismo nas discussões sobre esses eventos.

4. Da mesma forma, tem havido muita irritação liberal pelo fato de que alguns meios de comunicação têm hesitado em chamar o ataque ao Capitólio de ato terrorista. Esta objeção decorre do correto reconhecimento de que quando são as pessoas de cor, e especialmente os muçulmanos, que cometem atos violentos, os meios de comunicação são rápidos em rotulá-los como terrorismo, enquanto atos semelhantes, cometidos por americanos brancos, raramente são vistos sob a mesma ótica. Embora esta observação revele a natureza profundamente racista da mídia americana, que merece ser condenada, a invocação e extensão do termo terrorismo acabará fazendo mais mal do que bem para a esquerda. Seu uso para descrever a violência pela direita ou pela esquerda servirá em última instância para justificar a expansão dos poderes repressivos do Estado. Recordemos, por exemplo, como o Estado utilizou as medidas antiterroristas adotadas após os ataques de 11 de setembro para monitorar e reprimir os ativistas antiguerra.

5. Uma resposta comum tem sido apontar que se a mesma ação tivesse sido cometida por pessoas de cor, ou pelo movimento BLM, ou por pessoas de esquerda em geral, teria provocado a intervenção de uma força muito superior para impedi-la. Isto é obviamente verdade, mas temos que ser cuidadosos no uso desta declaração. Se for usada para combater a frouxidão da resposta

estatal às ações de 6 de janeiro, o que ela faz é normalizar a repressão estatal que podemos esperar que seja dirigida contra nossos movimentos. Se compararmos a resposta suave à manifestação daquele dia com o que sem dúvida teria acontecido se tivessem sido manifestantes da BLM, o que estamos claramente tentando fazer é apontar a injustiça da repressão dirigida contra a BLM. Entretanto, o próprio fato de comparar um movimento que se opõe à realidade cotidiana do terror policial com um movimento que basicamente se harmoniza com ele, nos leva a propor que o Estado trate os supremacistas brancos da mesma forma que trata os manifestantes do BLM, ou pelo contrário, nos leva a imaginar que o Estado poderia tratar as manifestações do BLM com a mesma leniência com que tratou a turba em 6 de janeiro.

O problema é que ambas as posições tratam a polícia como uma instituição acima da política, como um instrumento neutro que pode ser usado para o bem ou para o mal. Mas sabemos que, no final das contas, a polícia e os manifestantes que invadiram o Capitólio são componentes do mesmo projeto político de supremacia branca; eles podem ocasionalmente entrar em conflito entre si, mesmo violentamente, mas não há nenhum antagonismo intrínseco entre a polícia e a extrema direita como há entre a polícia e nossos movimentos. A simples observação de que estas duas correntes são tratadas de maneira diferente faz do fato estrutural do Estado e de sua relação com a supremacia branca um assunto aparentemente arbitrário e acidental de um Estado que não é justo para aqueles que procuram acabar com a supremacia branca. Este argumento é bem intencionado, mas, em última análise, mais enganoso do que ilustrativo.

6. Uma lição muito clara que todo esquerdista deve tirar dos acontecimentos de 6 de janeiro é que existe uma continuidade discernível entre o policial e o bizarro trumpista embrulhado na bandeira americana e usando chifres Viking. Como socialistas, porém, devemos

desenvolver uma compreensão mais estratégica da relação entre o Estado e a extrema direita do que a mera afirmação de que eles são a mesma coisa. Sim, havia policiais que tiravam fotos de si mesmos com manifestantes agitando bandeiras da Confederação no Capitólio, e um vídeo mostrava agentes saindo de seus postos, aparentemente abrindo caminho para que os manifestantes entrassem no prédio. Da próxima vez que você encontrar uma barreira policial bloqueando agressivamente o caminho para uma marcha do BLM em uma rua pública, lembre-se dessas imagens.

Entretanto, devemos também reconhecer que o Estado tem uma relação mais complexa com estas manifestações. O fato de os manifestantes terem conseguido penetrar no Capitólio foi o resultado de um complexo conjunto de decisões políticas. Nossa abordagem deve acomodar esta complexidade, sem reduzi-la a simples declarações de como a polícia apoiou o protesto. É inegável que houve policiais individuais, incluindo alguns comandantes, que apoiaram o protesto. É verdade que a polícia apoiou a reeleição de Trump por uma grande maioria. Também é verdade que o assalto ao Capitólio não foi simplesmente o resultado de a polícia ter permitido que isso acontecesse. Ao contrário, foi o resultado de a polícia ter sido esmagada pela multidão (sendo assim derrotada em um confronto violento) e acreditar que o uso de mais força teria escalado o conflito.

Esta situação estratégica foi facilitada por certas decisões sobre a mobilização policial, o risco relativamente baixo que esta demonstração representava para o status quo, a natureza relativamente marginal dos próprios manifestantes e, naturalmente, os sentimentos de alguns policiais (que sempre influenciam a intensidade com que eles se aplicam ao seu trabalho). Não negamos que, em última análise, a polícia é um instrumento de supremacia branca, mas reconhecemos que, como instituição, eles são relativamente autônomos dos elementos não estatais do projeto da supremacia branca. Como tal, ela

tem sempre o cuidado de preservar sua própria legitimidade. A compreensão destas distinções e divisões é crucial se quisermos abordar estrategicamente a questão do estado e entender corretamente o fenômeno da extrema direita.

7. As ações de 6 de janeiro devem ser vistas como um momento importante no realinhamento político mais amplo que está ocorrendo neste país à medida que avançamos para a era do pós-trumpismo. A cisão à direita que pode resultar disso, entretanto, não parece provável que incline a política nacional geralmente para a esquerda. Após os eventos, podemos imaginar uma extrema-direita anti-institucional e encorajada separada de seus antigos aliados no estabelecimento do Partido Republicano, mas, como Mike Davis aponta, esta ruptura pode na verdade servir para encobrir a continuidade da direita dos republicanos, que serão capazes de manter as políticas da administração Trump, ao mesmo tempo em que se distanciam mais facilmente dos elementos mais dissolutos associados ao próprio Trump.

Enquanto isso, os democratas estarão ansiosos para estender a mão aos republicanos para se associarem com aqueles que não acompanham as escaramuças armadas na rotunda do Capitólio. O resultado disto, então, poderia ser uma mudança para a direita de ambas as partes, bem como um crescimento maciço da extrema-direita extraparlamentar, possivelmente fiel ao Trump (quer o próprio Trump seja ou não uma figura central neste projeto). Neste cenário político em mutação, os chamados atos simbólicos de condenação, seja de Alexandria Ocasio-Cortez ou Mitch McConnell, soam ociosos, e o caminho parlamentar para a política progressista sem dúvida se estreitou. O que os socialistas têm que fazer é claro:

Organizar nossos locais de trabalho, edifícios e blocos habitacionais para garantir a segurança de nossos vizinhos e colegas de trabalho, impedir a entrada de supremacistas brancos e policiais, e confrontá-los quando necessário. Após

os eventos de 6 de janeiro, os comissários de bordo começaram a se organizar para impedir o embarque de passageiros que haviam participado do assalto e queriam voar para casa. Devemos distinguir este tipo de organização da classe trabalhadora contra os supremacistas brancos dos apelos mais gerais para reforçar a repressão estatal e a limitação das liberdades civis.

Como a maior e mais organizada força da esquerda americana, a DSA tem um papel particular a desempenhar. Apelamos a todos os grupos locais da DSA para desenvolver planos para controlar e combater o ativismo de extrema direita em suas regiões. Isto não deve ser feito de qualquer maneira, mas deve incluir o estabelecimento de laços mais profundos com o movimento de trabalhadores organizados, sindicatos de inquilinos e outras organizações comunitárias enraizadas na classe trabalhadora multirracial.

Ao entrarmos nesta nova fase da política dos EUA, inaugurada pelos eventos de 6 de janeiro, é hora de a DSA repensar sua relação com o Partido Democrata e as instituições que controla. Em vez de nos concentrarmos em campanhas que apelam aos membros do Congresso, precisamos nos concentrar mais diretamente na classe trabalhadora. O impeachment é “a resposta mais apropriada” aos eventos de 6 de janeiro? Do Russiagate à primeira tentativa de remover Trump, a principal estratégia de Nancy Pelosi e Chuck Schumer para lidar com Trump sempre girou em torno deste tipo de espetáculo, como se as forças que levaram Trump ao poder pudessem ser neutralizadas através de manobras inteligentes no Congresso. Isto tem falhado repetidas vezes. Nossa resposta tem que ser diferente: tem que vir de nosso entendimento de como realmente derrotar esta máquina capitalista letal de natureza racista, antitrabalhadora e contra os pobres. Isto exigirá que nos organizemos, não que pressionemos.

Solidariedade sempre,

Comitê Executivo da DSA Santa Cruz, Califórnia